

EDUCAÇÃO e ————— TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCACÃO E TECNOLOGIA"
Revista do Instituto Politécnico da Guarda

DIRECTOR: João Bento Raimundo

REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Secção de Reprografia do IPG

N.º 1 / Julho 1987

Reprodução Total ou Parcial Proibida

ESPAÇO DE INFORMAÇÃO E REFLEXÃO

Tudo temos feito para que o Instituto Politécnico da Guarda assuma a sua verdadeira dimensão de pólo dinamizador no contexto sócio-educativo e cultural da região. Para tal, não contam as iniciativas isoladamente, mas enquanto vertentes daquela mesma dimensão.

A informação, encarada a vários níveis, assume importância primordial — no selo do próprio Instituto, retratando a realidade em que se insere, projectando nela a sua própria dinâmica.

Porque existe para servir, o Instituto Politécnico da Guarda quer servir da forma mais adequada — um compromisso entre a realidade que é, a que queremos ter e a que é possível, em função de condicionalismos que tantas vezes transcendem a própria vontade.

Temos igualmente a consciência de que, em matéria de educação e de saber, nunca haverá obra acabada, mas um contínuo fluir; diremos que a obra nasce e, através de múltiplas formas de transformação, cresce.

Para tal é necessário o esforço de muitos, preferencialmente de todos — os que estão verdadeiramente empenhados no progresso e na modernização da sociedade.

Vários são os graus de responsabilidade no processo.

Várias são as formas de influenciar as decisões.

Várias são as estratégias para que se conclua sobre o que deve ser feito e como.

Está criado o espaço aberto de informação, de reflexão, de troca de experiências. "Educação e Tecnologia" é mais uma obra, ou melhor, mais uma vertente da obra que se pretende seja o I.P.G. na sua globalidade.

Professores, alunos e comunidade têm nela o seu espaço. A capacidade para dialogar, a coragem para expressar opiniões, a humildade para ouvir críticas construtivas, a vontade, enfim, para apresentar o melhor, da melhor forma, que pode ser, tão só, o possível, farão de "Educação e Tecnologia" uma verdadeira "obra" de todos.

João Bento Raimundo

Presidente da C.I. do Instituto Politécnico da Guarda

JORNAL: UMA ESCOLA ABERTA

António Matoso Martinho, Assessor da S.E.E.B.S.

Não constitui novidade que a sociedade dos nossos dias se encontra cada vez mais dominada por um novo poder — os "mass media", ou meios de comunicação social.

Efectivamente à medida que o tempo passa o homem vai-se sentindo cada vez mais preso ao evoluir dos abundantes noticiários que, vindos de todo o mundo, se entrecrocam e lhe entram em casa.

A rádio, a televisão, o cinema, e, a imprensa, sofrem constantes transformações ao sabor da implacável concorrência, tentando cada um ir mais longe que o outro. Interessa informar com o máximo de rapidez e eficiência. Procura-se suscitar nas pessoas um crescente impacto. De todos os lados nos aperta a máquina publicitária, apregoando e expondo de tudo; tentando levar-nos a consumir o máximo de produtos. Encontramo-nos na sociedade de consumo; estamos no mundo dos objectos.

Nesta linha a imprensa tem tentado adaptar-se a este sistema concorrencional seguindo uma evolução própria, quer ao nível das transformações técnicas, quer ao da transmissão das mensagens. Há que criar no leitor uma relação cada vez mais próxima entre a expectativa e a actuação. Assim hoje, o indivíduo ao receber a mensagem, recria-a, elaborando a sua própria visão em relação aos acontecimentos transmitidos.

Este constante avolumar de mensagens, esta crescente tomada de consciência do indivíduo em relação à micro ou macro sociedade em que se integra, quer no plano nacional, quer internacional parece constituir não só uma das maiores preocupações dos nossos dias, como inclusivamente um dos objectivos mais importantes da Ciência Política. A esta ciência interessa sobretudo o presente apesar de, por exemplo, à História interessar reflectir sobre o passado não podendo deixar de ter em conta o presente.

Uma das preocupações do historiador dos nossos dias, assentará na tentativa do estabelecimento de interrelações coerentes entre o passado e o presente. A própria sociedade vai tomando consciência das efectivas repercussões que os sistemas de pensamento e, os acontecimentos passados, poderão assumir no seu tempo.

Em todo este processo de complexas interligações entre o passado e o presente é importante o papel do Jornal, com toda a sua capacidade de actuação

imediate e, mediata sobre os leitores; pela sua vocação em assumir o papel de barómetro, em relação à mentalidade das sociedades que, simultaneamente ajuda a moldar e a definir.

É importante ter-se em conta que, o acontecimento presente em breve se tornará passado; que a história ou qualquer outro domínio do conhecimento terá que apoiar-se cada vez mais, nas suas ciências auxiliares; que efectivamente, a análise jornalística, sistemática e comparativa, poderá ajudar-nos a alcançar conhecimentos cada vez mais rigorosos e objectivos, em relação às sociedades que nos propomos estudar, tendo em vista, naturalmente, os últimos séculos de História da Humanidade.

E o que se passa em relação à escola?

Todos os que se vêm interessando pelos problemas da educação concordam em que a escola está perante uma das maiores encruzilhadas da sua história. Encontra-se num ponto em que recebe críticas e contestações de toda a espécie.

É neste processo de crítica e contestação, têm surgido soluções altamente comprometedoras para a própria sobrevivência da escola.

Embora não defendamos que a função de educar pertença exclusivamente à escola a sua posição dentro dum contexto harmónico, participativo e articulado do desenvolvimento sócio-económico, seus valores, sua tradição deverá merecer atenção, quando se decide sobre os seus grandes problemas.

O que não se pode admitir é que a função educativa abra mão de algumas prerrogativas que lhe são próprias como seja, a da visão global do ser humano, cujo desenvolvimento se deve processar de um modo harmónico. O ser humano será, assim, o grande horizonte da educação. Integrar, orientar, compreender, harmonizar o desenvolvimento do ser humano nos seus planos bio-psico-sócio-axiológico são algumas das expectativas da sociedade em relação à escola.

Para a escola o ser humano não é, apenas, importante sob um ponto de vista económico, científico, tecnológico, artístico ou filosófico todas estas dimensões, numa perspectiva individual, são importantes para a visão duma escola viva, actuante, aberta e global.

Com todas as limitações, é certo, foi esta a mensagem que recebemos do esforço empreendido pelos nossos antepassados no campo da educação. Daí, não podemos afirmar que a escola do passado. O que acontece é que o homem de hoje exige uma concepção ou uma caracterização de escola diferente.

A escola é, não somente a responsável pela transmissão do legado que recebemos dos nossos antepassados, como participa na formação do homem de hoje e, sobretudo, no de amanhã.

A educação apresenta-se, pois, com um processo que se modifica a cada momento para que os fins, os objectivos e os valores da sociedade possam ser atingidos.

Para alcançar tais objectivos teremos de dar à escola um novo conceito — uma escola aberta, integrada na comunidade, liberta do isolamento cultural, capaz de identificar, interpretar e dar vida às aspirações do meio em que está inserida.

É uma escola que renasce e que deve conquistar o seu prestígio como um organismo que atende a todos numa troca de experiências permanentes, onde as necessidades, os problemas, os anseios, as aspirações devem ser discutidas e, sempre que possível, solucionadas.

A escola deve tornar-se, pois, uma instituição viva e aberta. Viva no sentido de que mobilize e interessa a juventude em relação a tudo o que se passa dentro dela e aberta no sentido de que se encontra, directamente, ligada à vida sócio-cultural.

Hoje em dia pela sua problemática intelectual e moral, cultural ou artística, a juventude vive fora da escola. É necessário adaptar a vida da escola às novas condições de vida dos jovens, resultantes do seu comportamento e experiência se formarem sob a influência da rádio e da televisão, que aceleram o seu processo de maturidade.

É necessário facilitar o contacto da escola com o meio associando as actividades da juventude às necessidades da região e do País. É preciso melhorar a aplicação das inovações técnicas no campo da educação, despertar o interesse, suscitar problemas.

A escola deve, assim, tornar-se um importante centro de vida intelectual dos jovens e, igualmente, em certa medida o seu centro de vida estética e moral. Para se alcançar isto é necessário que os programas e a organização curricular sejam mais flexíveis e que a preparação dos professores seja melhor, mais viva e moderna.

A importância do papel do professor e de sua missão é, assim, cada vez mais complexa e difícil. Quando se fala na função do professor, na sua importância, na sua relação com os jovens, na sua actuação na escola é bom não esquecer que ambos são o centro de todo o processo educativo. Tudo o mais deve existir para contribuir para o seu aperfeiçoamento e para aumentar as perspectivas do seu mútuo relacionamento.

É, fora de dúvida, que o uso do computador ou das novas técnicas educativas — ensino programado, filmes, rádio, televisão, etc. — não afastará o professor, nem diminuirá o seu papel.

Não sendo mais o veículo de transmissão dos conhecimentos ao lado do livro ele terá de reflectir sobre as consequências que uma mudança na educação imprimirão à sua missão.

Com todos os recursos de hoje e com os que ainda possam vir a surgir a função do professor como transmissor de conhecimentos terá de ser substituído pela de orientador de aprendizagem.

O aluno do amanhã, como já o de hoje, não aceitará um ensino expositivo. O aluno desafia, questiona e é necessário que o professor esteja preparado para compreender e aceitar as razões desse desafio, consciente da necessidade duma mudança no conceito de ensino sem a qual não existirão para ele perspectivas nem horizontes futuros.

No mundo de hoje os jovens terão de aprender a estudar sozinhos; a aprendizagem é cada vez mais importante que o ensino. O jovem dos nossos dias, e em especial, o de amanhã dependerá muito menos de memória e, muito mais, do seu poder criador, das suas atitudes e dos seus valores.

Assim nós, como professores, devemos realizar todo o esforço no sentido de proporcionar aos nossos alunos um clima favorável à sua aprendizagem e ao desenvolvimento do seu poder criador.

Será preciso, igualmente, revolucionar a didáctica procurando utilizar métodos que promovam o encontro do professor e do aluno no espaço de consciência interrogativa. Educar e ensinar devem ser encarados pelo professor

como acções criadoras e dinâmicas, sujeitas às mais variadas influências mas, sempre novas.

Capacidade para provocar situações de ensino-aprendizagem, perspicácia para captar condições surgidas espontaneamente e que sensibilizem o aluno de modo a envolvê-lo profunda e significativamente na aprendizagem serão qualidades fundamentais do professor.

Guiar, orientar, programar, animar tais são, alguns dos papéis do professor.

Continuar a cultivar o raciocínio, mas também, desenvolver a capacidade para ordenar as experiências perceptuais e estimular a imaginação criadora, funções necessárias a todo o ser humano e necessárias para evitar a sua automação numa sociedade tecnológica, tal será um desafio permanente para o professor de amanhã.

Nesta perspectiva, podemos perguntar que papel desempenharão os meios de comunicação social, em especial, o Jornal na Escola?

De quatro formas podemos entender a "Imprensa Escolar"

1. A imprensa na escola, no sentido de "Jornal Escolar"

Neste modo de considerar a "imprensa na escola" os alunos reúnem-se, escolhem um monitor, editam um jornal que normalmente vendem aos demais, incluindo, normalmente, os seus familiares. A sua edição é, mais ou menos, contínua e os seus temas referem-se, frequentemente, a episódios escolares, festas, actividades, humor, comentários, etc.

É evidente que se trata de uma boa forma de fazer jornalismo entre os alunos, além de permitir criar no Centro um modo de comunicação e autocrítica própria. O facto de editar um jornal facilita sem dúvida um maior contacto entre o aluno e o meio.

2. Como imprensa na escola é uma outra forma de entender o tema.

A sua formulação adquire importância com a chamada metodologia Freinet: a leitura, a escrita, as matemáticas, as ciências tudo pode passar pela oficina da imprensa escolar. Os alunos não..só exercitam as suas mãos e aprenderão de algum modo, uma profissão como, inclusivamente, poderão melhorar a sua aprendizagem escolar.

3. A imprensa na escola como Jornal Diário reflecte a intenção directa que se pretende como jornal diário, tal como chega à sala de aula e às diversas actividades do Centro.

Nesta perspectiva se podem definir uma série de objectivos:

- a) Que a notícia tenha ligação com os programas escolares;
- b) Que os alunos se familiarizem com os meios de comunicação social;
- c) Que os professores e alunos compartilhem da notícia como um núcleo sobre o qual possam expressar-se, discutir e criticar opiniões;
- d) Que os alunos possam investigar na escola o que vivem e ouvem em casa e na rua, de modo a adquirirem novos dados e a elaborar formas permanentes de aprendizagem sobre o que acontece diariamente;
- e) Que se estimule a criação dum ficheiro de notícias como centro de

recurso para a aprendizagem. A selecção de recortes de imprensa pode constituir uma excelente fonte de dados ao longo do ano;

f) Que os alunos aprendam num contacto directo, com o jornal, as causas e os efeitos da evolução social e dinâmica das sociedades, do seu desenvolvimento tecnológico, dos seus problemas no dia a dia;

g) Que os alunos se impliquem activamente nos problemas reais que diariamente sentem quer se passem no seu bairro, na sua cidade, no seu país, ou mesmo, no mundo através dos acontecimentos que são notícia.

4. Suplementos literários ou científicos e até didácticos dos jornais diários.

Não se trata neste aspecto de substituir o jornal diário mas de inserir no seu interior páginas que feitas por professores, artistas, cientistas, etc, propõem formas de trabalho sobre diversas notícias que ao longo da semana foram publicados nos meios de comunicação social.

Em alguns países, como na vizinha Espanha, professores propõem nesses suplementos actividades didácticas sobre notícias que ao longo da semana foram publicadas nos diferentes meios de comunicação social.

Ao introduzir-se a imprensa na escola pretendeu-se, assim, atingir, essencialmente, dois objectivos:

a) Utilização do jornal como instrumento auxiliar que apoie os programas e enriqueça os conteúdos do currículo. Neste sentido a imprensa serve não só de motivação como em muitos outros casos de actualizada documentação. A sua utilização dependerá sobretudo, da imaginação do professor;

b) O facto de o jornal se apresentar como meio de comunicação social com toda a sua pujança, a sua leitura deverá ser um objectivo a atingir e a introduzir na escola. Há que ler o jornal e a escola deverá levar os seus alunos a fazê-lo correctamente, com inteligência e criticamente.

Apesar destes objectivos a utilização do jornal na escola tem-se apresentado muito polémica, o que pode, ainda, levar-nos a pôr uma outra questão:

Como conciliar na Escola o Jornal e os manuais escolares?

Uma primeira opção será radical e objectiva — "Não há tempo para as duas coisas".

Uma segunda opção é, igualmente, incisiva — "Os manuais escolares servem uma ciência acabada. É necessário aproximar a Escola da vida e da actualidade".

Entre estas duas opções toda uma série de posições surgem que é necessário aclarar e que, de um ou de outro modo, procuram encontrar novos caminhos no sentido de conjugarem o manual e a vida no trabalho do aluno.

Vamos apresentar, agora uma série de posições que poderão servir para um debate entre professores, alunos e quantos estejam interessados em analisar se é possível e, em que grau, a utilização do jornal na escola.

1. Manual, sim! Jornal na Escola não.

As razões apresentadas são bastante evidentes: objectivamente não há tempo para ele, por outro lado, o trabalho com o jornal é necessariamente lento e complexo. Os alunos perdem muito tempo com a sua leitura e se distraem com

muitas coisas, e, assim, ainda que tenham um certo interesse, leva-os a desviar o ritmo da aula para outras coisas. Por isso, a utilização do jornal é correcta, mas fora da escola.

2 — Manual, sim! Jornal na Escola sim! Na aula, não.

Nesta perspectiva o jornal deve ser algo a que se deve prestar atenção, mas em actividades de tipo extra-escolar — Clube de Imprensa, Semana do Jornal, Visita a um jornal, tratamento de notícias do jornal pelos alunos no Clube, sala de leitura de jornais e revistas, mas não à sua utilização na aula.

3 — Manual, sim! Jornal na aula = incentivo ao programa

O manual deve ser sempre a base do trabalho na aula, mas reconhece-se, igualmente, que o jornal na aula deve funcionar como um incentivo importante para o desenvolvimento de todo o programa; de vez em quando uma notícia pode actuar como um estímulo, que permita centrar melhor o tema ou ser ponto de partida para o levantamento dum problema. É assim, um elemento motivador prévio para o tratamento de temas.

4 — Manual, sim! Jornal na aula = complemento do programa

Embora se mantendo o manual escolar o jornal não é só um elemento motivador, incentivando o trabalho do aluno mas adquire papel relevante como complemento do manual gerando não só actividades a desenvolver pelos alunos como permitindo-lhes adquirir novos conhecimentos relacionando os conteúdos com a vida. É, assim, um complemento ao tema estudado.

5 — Manual, sim! Jornal na aula: um novo tema

Nesta perspectiva se situam as opiniões dos que entendem que o jornal contendo, em si mesmo, grandes potencialidades e matérias de aprendizagem deve ser estudado como um tema próprio não só como meio de comunicação social, mas ainda por proporcionar um caudal de notícias correctas para cada uma das diferentes áreas de aprendizagem.

Cada professor teria, assim, de recolher — nesta perspectiva — aquelas notícias e informações relevantes para a sua área do saber e dedicar-lhe um tempo adequado, coincidindo ou não com o ritmo de aprendizagem.

6 — Manual, sim! Jornal na aula = manual da aula

Manual sim, mas, todos sabemos que os manuais recolhem somente, uma base fundamental, ordenada, sistemática de aprendizagem. Mas não chegam: ter à mão, os chamados livros da aula, resulta, hoje em dia, absolutamente necessário.

Pois bem: um ficheiro de notícias elaborado com base na imprensa ao longo dos anos, com dados, estatísticas, gráficos, constitui sem dúvida um livro auxiliar que facultará a professores e alunos um recurso de grande valor didáctico.

Qual será a experiência pedagógica dos professores que procurando, uma ou outra vez, abandonar o manual escolar, trabalham com o jornal na aula?

São muitos os professores que se apoiam na realização dos jornais escolares, porque "fazer um jornal" permite e facilita aos alunos o acesso aos

jornais diários. Os clubes de jornalismo escolar estão, normalmente, decorados com jornais, revistas, notícias, murais que dão as notícias diárias.

Embora esta atitude não seja a que defendemos acerca da utilização do jornal da escola é, no entanto, uma base e um excelente complemento, para que tal ideia possa ter uma maior eficácia.

Outros professores esperam alcançar com a utilização do jornal na escola objectivos mais amplos, uma vez que, trabalhando na aula com ele, isso permitirá mudar as atitudes dos alunos perante o estudo e a aprendizagem.

Quando nos referimos na aula a um acontecimento longínquo e que não nos implica directamente costumamos dizer "hoje vamos estudar tal tema" mas, se falarmos de algo vivo, de algo actual e a que nos sentimos ligados dizemos "hoje vamos aprender isto".

Isto mostra que aprender é algo que nos motiva e que melhora a nossa situação como pessoas, a nossa relação com as demais, do mesmo modo que a nossa própria imagem se torna mais positiva.

O jornal poderá, assim, desempenhar um duplo papel: informar do que não sabemos e convidar-nos a aprender, pois a nossa vida tem muito que ver com os acontecimentos do dia a dia. Por isso compramos diariamente o jornal e, também, insistimos em o levar para a escola.

Para podermos dizer a um aluno, na aula, que hoje vamos aprender o que provocou um acidente numa mina, há um longo caminho a percorrer.

A notícia surgiu na rádio, na televisão e no dia seguinte, pela manhã, podemos tê-la num matutino.

Que poderá o professor fazer, com ele, na aula?

O professor leva o jornal para a aula, convida os alunos a lerem a notícia e a comentarem-na entre si. Surgirá de seguida uma série de questões, a que o jornal não dará resposta. Há que lançar mão, por exemplo, dum dicionário para saberem o significado de determinados termos. No quadro, ou numa transparência o professor fará o gráfico duma mina, com as suas galerias, os seus ascensores, etc. Os alunos vão, por sua vez, situando o local do acidente, apoiados na leitura da notícia.

A partir daqui poderão começar a analisar e discutir, por exemplo, questões de segurança no trabalho e a elaborar um plano de trabalho para aprenderem algo mais sobre o carvão e novas formas de energia.

Esta é uma, maneira entre muitas, de como trabalhar com uma notícia concreta na aula, de como uma notícia se pode transformar num instrumento didáctico a utilizar pelo professor.

Muitos mais exemplos de estratégias poderíamos, no entanto, apresentar.

O papel do jornal na escola pode, pois, apresentar-se num triplo sentido.

1) Constituindo uma fonte de conteúdos que clarificam, enriquecem ou, até mesmo, tornam mais exacto o programa duma, ou de várias áreas do saber.

2) Contribuindo para o aparecimento duma nova e renovadora didáctica rompendo, em muitos casos, com o sentido académico que têm algumas metodologias de ensino.

3) Servindo como uma "ponte para a vida" que irá estimular, enriquecer e servir de orientação vivencial aos conteúdos fechados e desfasados da realidade de

alguns programas. O jornal constituirá, assim, um elo eficaz, da ligação da escola com a vida real e com as mudanças que se produzem na sociedade.

E a vida é, essencialmente, interdisciplinar e o jornal, ou melhor, a notícia apresenta-se, quase sempre, num estado natural, arrastando como as cerejas, a economia, a sociologia, a religião, a arte, a matemática, a indústria e a literatura. O que se passa é que depois a desmontamos, para um estudo mais exaustivo.

Em princípio tal posição é correcta, mas o que acontece é que nela permanecemos. E logo na escola surge a geografia, a matemática pura... e nos esquecemos do sentido da "totalidade" que a vida apresenta. Daí que à base de tantos programas específicos, a escola vai-se preocupando em veicular conhecimentos hermeticamente fechados e desligados de tudo a que na vida pertenceu. Daí, podermos afirmar que a escola e a vida se ignoram.

Mas é a imprensa, a notícia, que nos vai permitir recuperar o "sentido da totalidade" que tanta falta faz aos currículos escolares.

Podemos pois, verificar que a introdução do jornal na aula pode determinar uma nova didáctica que tenha por fulcro a interacção escola-meio e as interacções e relações interpessoais empregadas na prática docente.

Como acentuou Hameline "a tendência a dialogar, a necessidade da permuta e de participação aparecem como um dos valores capitais da mentalidade moderna".

Tarefa educativa importante será, pois, ensinar a comunicar, a permutar, a compreender, a "sair de si".

Assim se renovará a escola no sentido de encontrar as condições mais favoráveis à aprendizagem dos alunos, uma vez que o mundo de amanhã será muito mais realidade a construir do que esquema a prever; em vez de conhecer, para prever, para prover é necessário formar para imaginar, para construir, pois só assim o homem do futuro poderá cumprir o pensamento de Gaston Berger "ver longe, ver em grande, analisar em profundidade, ter a coragem de assumir riscos, pensar no homem".